

Associativismo e Mulheres Quilombolas: Relato de uma experiência de extensão universitária na microrregião Penedo-AL

*Associativism and Quilombola Women:
Report of a university extension experience in the Penedo-AL microregion*

Fabiana de Oliveira Lima

Doutora em Antropologia pela UFP, Porto, Portugal.
Professora Adjunta do curso de graduação em Turismo da Universidade Federal de Alagoas.
E-mail: fabiana.lima@penedo.ufal.br

Mariane Andrea Rocha

Mestre em Culturas Populares pela UFS, São Cristóvão, Brasil.
E-mail: mariane.andrea.r@gmail.com

Cleidijane Siqueira Santos

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.
Professora Adjunta da Universidade Federal de Alagoas, Brasil.
E-mail: cleidijane.santos@penedo.ufal.br

Renata Mayara Moreira de Lima

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.
Professora Adjunta da Universidade Federal de Alagoas, Brasil.
E-mail: renata.lima@penedo.ufal.br

Silvana Pirillo Ramos

Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.
Professora Titular da Universidade Federal de Alagoas, Brasil.
E-mail: silvana.ramos@penedo.ufal.br

1 INTRODUÇÃO

Os povoados Tabuleiro dos Negros e Sapé se reconhecem como irmãos, estão divididos apenas por fazerem parte de municípios distintos, Penedo e Igreja Nova, respectivamente. Os municípios limítrofes fazem parte da microrregião Penedo, no sul do estado de Alagoas. Neles há duas comunidades quilombolas, certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Em 2019 um grupo de quilombolas formou uma associação apenas com mulheres, a fim de trazer novas oportunidades, diferente do usual que até então, constituía-se em trabalhar nas casas de famílias nas cidades. Em 2022, uma segunda associação de mulheres ganha corpo e atualmente, os povoados têm sido impactados econômica e culturalmente, pois as produções que apresentam, em sua maioria, seguem processos tradicionais de fabricação de bolos, sequilhos e outros alimentos provenientes da mandioca.

Nesse sentido, docentes e discentes do curso de graduação em Turismo, da Universidade Federal de Alagoas, iniciaram um projeto de extensão a fim de melhor conhecer, aprender e colaborar com as mulheres e suas associações. Trata-se do projeto de extensão PJ 070 – 2023, com início em 01 de abril deste ano e finalizado em 31 de outubro. O projeto, cujo título é “Mulheres Quilombolas dos povoados Tabuleiro dos Negros e Sapé: empreendedoras e mantenedoras da tradição” foi dividido em três etapas, com três visitas às comunidades e um momento de apresentação do produto requisitado pelas associações, a colaboração com a divulgação de seus produtos.



A experiência de extensão teve em sua metodologia o levantamento bibliográfico e a preparação para o campo, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas, fotografias, vídeos e vivências coletivas a partir dos alimentos produzidos pelas associações, em que todo o grupo presente, de associadas, discentes e docentes, desfrutou de conversas e degustação. Portanto, apresentamos um relato da nossa experiência de extensão com o intuito de divulgar a resistência, os embates diários que as mulheres negras enfrentam em seu cotidiano, atravessados pela vivacidade, consciência política, protagonismo e ressignificação do trabalho feminino, da tradição e do fazer coletivo.

2 DESENVOLVIMENTO

Neste campo serão expostas algumas das compreensões teóricas seguidas para execução do projeto de extensão, que serviram de suporte à preparação para o campo, contato com as mulheres quilombolas e posterior discussão e elaboração do conhecimento apreendido.

2.1 Ser mulher e quilombola

As comunidades quilombolas no Brasil possuem irrevogável importância na construção e contação da história de formação do povo brasileiro. No entanto, apenas em 2003, a partir do Decreto 4.887, de 20 de novembro daquele ano, foi regulamentado seu processo de reconhecimento, identificação, delimitação e titulação de terras ocupadas (BRASIL, 2003). Quanto à origem do termo, de acordo com Kabengele Munanga, (1995, p. 58) “o quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de língua Bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo)”, surge tanto no continente africano quanto no Brasil, em períodos próximos, entre os séculos XVI e XVII. “Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos trazidos e escravizados nesta terra”, cujo sentido é designar um agrupamento de pessoas, um acampamento.

Essa perspectiva de coletividade atravessa não apenas a compreensão de quilombo, mas a história das diversas etnias africanas, a noção de Ubuntu, “eu sou porque nós somos, nós somos porque eu sou” destacada por Pereira (2022) quando da citação de Ramungondo & Kronenberg sobre a intenção de coesão. Tal intenção sustenta o grupo, mantém clara a importância de permanecerem juntos. Assim, as autoras reforçam a importância das mulheres para a sobrevivência dos quilombos, tendo em vista que “elas são as responsáveis por transmitir as tradições, preservar os recursos naturais, cuidar do lar e da terra”, elaborando uma dinâmica “rede de suporte e apoio” (PEREIRA, 2022, p. 03).

Elas cuidam das questões do coletivo, da casa, dos filhos, da roça (pois os quilombos estão concentrados nas zonas rurais), enfrentam diariamente o rico conjunto de problemas advindos das suas características socioculturais e econômicas, que conforme Abdias Nascimento (2020) foram construídos e são reforçados pela falsa imagem construída sobre a escravidão no Brasil, que acabou por forjar a ideia de pacificação nas relações interétnicas, romantizando os papéis de senhor de escravos e escravizados.

A coletividade quilombola também é influenciada pela rememoração ancestral como um meio de preservação da tradição. A partilha de saberes, principalmente femininos, no contexto quilombola é feita de modo intergeracional e isso proporciona que os saberes repassados salvaguardem a memória e existência das mais velhas. Esse movimento induz as mais novas a conhecerem sua história e se apoderarem dela, construir uma consciência social crítica de sua realidade produzindo um discurso de resistência, apropriando-se de sua identidade cultural (FERRERIA; EITERER; MIRANDA, 2020). Da mesma forma, os fazeres coletivos na produção dos produtos das associadas, também externam o costume quilombola da partilha do



trabalho, da divisão de tarefas e do compartilhamento de aprendizado dos fazeres ao executarem os muitos processos, desde a roça a comercialização. Esses fazeres, costumes e saberes, frente a cultura hegemônica, são mantidos reforçando assim as relações sociais para além de laços familiares consanguíneos, pelos laços socioculturais de pertencimento.

Além disso, a relação com o território é outro fator de coesão e assentamento das identidades quilombolas das mulheres, seja no contexto do papel social na comunidade, na salvaguarda das memórias ali vividas por suas ancestrais, como na participação da luta e manutenção do território. Junto a produção da territorialidade, território é local de produção simbólica social de vida (SILVA, 2021).

Desse modo, para que o outro lado da história seja visto, precisamos contar, para que não seja normalizada a visão de neutralização quando falamos sobre a mulher negra e a imagem construída sobre os povos afrodescendentes no Brasil, pois esse caminho, segundo Amorim (2020), reitera a perspectiva de amenização e descaracterização das dores causadas pela escravidão, como se o “carnaval” e o lugar dado às mulheres negras fosse um pódio social concreto. Portanto, observamos os quilombos, seus territórios e cultura, como sustentados por seres que resistem, cotidianamente, com destaque ao importante papel das mulheres quilombolas no tear novas cores e perspectivas, sempre lembrando de onde vieram.

2.2 Ser mulher empreendedora e associada

Conforme observamos, o papel da mulher quilombola é múltiplo, exige energia, determinação e a união é essencial nesse processo contínuo. Quando falamos sobre empreender, estamos nos referindo a ideia de constituir uma atividade para a geração própria de renda, mesmo que essa não venha a ser a renda principal da sua família. No contexto de comunidades quilombolas, a criação de uma associação acaba sendo uma maneira viável de inserção feminina no mercado, que resulta em uma visibilidade da associação, da comunidade, e o sentimento de estar inserida e pertencente a um contexto social para além de tarefas do lar.

As atuais configurações da economia global têm levado ao aumento expressivo de empreendimentos em todo o mundo, e com paridade de gênero, ao menos no Brasil, conforme podemos observar no relatório bianual 2021-22 da *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), que apresenta uma análise sobre o empreendedorismo geral no período pandêmico e destaca o papel das mulheres nesse contexto, pois, mesmo quando elas empreendem menos, os seus negócios tendem a ter um maior fator de impacto, como ocorre no Brasil.

Além de toda relevância identificada, quando esses empreendimentos são coletivos, benefícios financeiros e culturais se unem, um acaba por reforçar a relevância do outro. Ou seja, “o debate sobre o empreendedorismo feminino (...) não suscita apenas o ingresso da mulher no mercado de trabalho (...). Trata-se de uma alteração social de grandes proporções” (ALPERSDT, 2014, p. 222). Transformando o cotidiano e as perspectivas de futuro para seus descendentes e comunidade, reforçando a importância dos laços e de suas tradições, proporcionando a emancipação feminina a partir do coletivo.

O ato de empreender somado ao associativismo apresenta-se como um destacado conjunto de benefícios. Conforme Almeida (2012), a prática do associativismo beneficia atividades conjuntas, o desenvolvimento de habilidades individuais e sociais, além do fortalecimento coletivo, aprofundando as condições de elaboração/ação para resoluções de seus problemas em comum. E quando nos referimos a autogestão de grupos não privilegiados, como agricultores familiares, a associação torna-se fundamental para a mobilização – não apenas no sentido de reivindicar, mas de direcionar-se, agir (COUTINHO, 2017) e assim, passa a ser uma forma de resistência mais eficaz.



2.3 Resultados e discussões

O projeto foi iniciado em 1º de abril de 2023 e finalizou em 31 de outubro do mesmo ano. O objetivo geral foi identificar a participação das mulheres quilombolas dos povoados referidos nas tradições culturais e na geração de renda, a fim de desenvolver ações incentivadoras e colaborativas de modo participativo e para tanto dividimos o projeto em três etapas, sendo a primeira delas o levantamento bibliográfico pertinente, pois é preciso entender melhor do que não se conhece. As temáticas sobre mulheres negras quilombolas ainda são trazidas de modo superficial no cotidiano e as leituras foram essenciais para ampliar os olhares. Na etapa seguinte, fizemos uma primeira visita com roda de conversa e momentos diversos de convívio, com troca de experiências, entrevistas semiestruturadas, fotos e vídeos. Os resultados desse primeiro momento foram debatidos em sala de aula e a demanda apresentada pelas mulheres quilombolas, de ambas as associações, foi auxílio na divulgação de suas produções.

Posteriormente, mais duas visitas ocorreram, sendo a primeira com a Associação das Divas, fundada em 2022, com o intuito de dinamizar econômica e culturalmente a vida das mulheres da comunidade Sapé. Elas produzem bolos tradicionais, de arroz, macaxeira, milho, massa puba, além de sequilhos, macazada e tapioca. Nessa visita, aprendemos mais sobre a Mandiocada, importante tradição na região que consiste na troca de trabalho, principalmente entre mulheres, no processo de beneficiamento da mandioca, deixando-a pronta para a produção. A presidente da associação destacou a importância da mulher quilombola, em compartilhar seus conhecimentos e valorizar o que parece trivial, mas é sua tradição. Ainda destacou que, quanto ao mercado de trabalho, muitas vezes é preciso mentir no currículo sobre o endereço, para tentar a vaga. E o investimento que elas têm feito na própria produção acaba por aproximá-las.

Na terceira visita entrevistamos e filmamos a Associação das Mulheres Quilombolas, Agricultoras e Pescadoras dos Povoados Tabuleiro dos Negros e Sapé, mais conhecida como Associação das Mulheres Guerreiras. Fundada em 2019, a associação hoje faz parte do PAA no município de Igreja Nova e suas associadas podem contribuir produzindo alimentos (cultivando hortaliças e raízes, além de produzirem bolos) que vão para as casas dos mais necessitados e fazem parte da alimentação das escolas municipais. Desse modo, têm colhido os frutos de permanecerem juntas, uma ensinando a outra. Nessa associação, além de alimentos, há bordadeiras e artesãs, porém em menor quantidade. Bem como, a Mandiocada também tem um papel crucial. Nesse encontro, fotografamos e fizemos alguns vídeos delas falando da importância da associação e do quanto a vida de cada uma têm mudado.

Para o encerramento do projeto fizemos a apresentação dos dois vídeos para as associadas e realizamos uma roda de conversa, em que as representantes puderam expressar seus anseios, sentimentos de injustiça, os desafios mais duros e a importância de seguirem o caminho juntas. A perspectiva de união, aglomeração e coletivo são pilares para a sobrevivência dos saberes tradicionais, ao mesmo tempo em que diversificam e ampliam as formas de sustento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências aqui relatadas demonstram o papel importante das mulheres quilombolas em suas comunidades, como agregadoras, com iniciativa e capacidade de realização reforçada a partir da união entre si. Tal perspectiva remete a compreensão das civilizações Bantu sobre ser, pois “um ser é por definição uma força (...)”, e embora uma força possa enfraquecer a outra, pudemos observar no campo como essas forças se reforçam.

Ainda, pôde-se perceber a organização feminina quilombola em um movimento de construção coletiva que visa também o protagonismo das mulheres no mercado de trabalho, a



autorrealização através de novas perspectivas de vida com o trabalho coletivo e a divulgação dos quilombos como lugar de produção de alimentos tradicionais.

Para os docentes e discentes é também um importante exercício de aprender numa outra perspectiva, visto que os saberes não são construídos apenas no âmbito da universidade e temos muito a aprender com as comunidades tradicionais.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS. **Territórios Quilombolas**. Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio, 2017. <<https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/7231482c-d76f-483a-9f4d-f53d9bdc42c5/resource/b2f252fe-aa00-4a76-96d6-8c863c7876cb/download/territorios-quilombolas.png>>. Acesso em 5 de out. 2023.

ALMEIDA, Carla; LÜCHMANN, Lígia; RIBEIRO, Ednaldo. Associativismo e representação política feminina no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 8, Brasília, pp. 237-263, maio-ago, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/TV4fKXBvfyD4P39TS89jXrP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10 out de 2023.

ALPERSTEDT, Graziela; FERREIRA, Juliane; SERAFIM, Maurício. Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. **Revista de Ciências da Administração**, Santa Catarina, v.16, n.40, p.221-234, dezembro, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273532832015>>. Acesso em: 5 de out. 2023.

BRASIL, Decreto 4.887 de 20 de novembro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em 5 de out. 2023.

COUTINHO, Aline Cristina. **Trabalho associativo: a experiência das mulheres da associação de produtores agro artesanato de Viçosa (ASSOV)**. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica. Universidade Federal de Viçosa, 2017. Disponível em <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/11628>. Acesso em 10 out 2023.

FERREIRA, Maria Raquel Dias Sales; EITERER, Carmem Lúcia; MIRANDA, Shirley Aparecida de. Raça e gênero na construção de trajetórias de mulheres quilombolas. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, p. e63121, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/wHHYYNvzFXGKfQzj7JR9Jt/>. Acesso em: 10 out. 2023.

GEM (Global Entrepreneurship Monitor) (2022). **Global Entrepreneurship Monitor 2021/22 Women's Entrepreneurship Report: From Crisis to Opportunity**. London: GEM. Disponível em: <<https://www.gemconsortium.org/reports/womens-entrepreneurship>>. Acesso em 5 de out. 2023.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, v.28, p.56-63, dez – fev, 1996. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=kabengele+munanga+quilombo&oq=kabengele>. Acesso em 5 abr. 2023.

PEREIRA, Amanda; ALLEGRETTI, Maitê; MAGALHÃES, Lilian. “Nós, mulheres quilombolas, sabemos a dor uma da outra”: uma investigação sobre sororidade e ocupação.



Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 30, e3318, p.1-20, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO254033181>>. Acesso em: 5 abr. 2023.

SILVA, Jucilene Belo De Oliveira. **A importância do território para as comunidades remanescentes quilombolas**. Anais do XIV ENANPEGE... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77716>>. Acesso em: 10 out. 2023.